

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

**FRATERNIDADE  
E  
ABNEGAÇÃO**

A  
JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO  
OS  
AMIGOS

VOLUME II



LISBOA  MCMXCIX

**Ficha Técnica:**

*Título*

Fraternidade e Abnegação

*Coordenação Geral*

Justino Mendes de Almeida

Henrique Pinto Rema, O.F.M.

*Coordenação Editorial*

Isabel Maria Mota de Oliveira

*Revisão Técnica*

Justino Mendes de Almeida

Henrique Pinto Rema, O.F.M.

José Pedro Machado

Isabel Maria Mota de Oliveira

Margarida Gomes

Maria Albertina Franco Baptista de Loureiro Pereira

Paula Mendonça

Sónia Rodrigues

*Execução Gráfica*

Barbosa & Xavier, Lda. - Artes Gráficas

Rua Gabriel Pereira de Castro 31-A e C

Tel. (053) 263063 / 618916 – Fax (053) 615350

4700-385 BRAGA

*Depósito Legal*

139908/99

*ISBN*

972-624-126-X



# RIQUEZA E DIVERSIDADE DO REGISTO ARQUEOLÓGICO: O CASO DO LITORAL A NORTE DA PRAIA DE SANTA CRUZ (TORRES VEDRAS)

por

JOÃO LUÍS CARDOSO e MANUEL FARINHA DOS SANTOS

## 1. Introdução

Em áreas de larga tradição da investigação arqueológica, têm-se multiplicado os estudos, mais ou menos extensos e específicos, mas frequentemente desgarrados, feitos ao sabor das circunstâncias ou como consequência imediata de achados fortuitos que chegaram ocasionalmente ao conhecimento dos especialistas ou de investigadores locais. Neste contexto, crê-se de utilidade a apresentação regular de sínteses de carácter regional, susceptíveis de conferir um fio condutor aos referidos contributos, perspectivando-os no tempo, por forma a se evidenciarem eventuais lacunas de conhecimento, cuja identificação é útil para o prosseguimento das próprias investigações, de forma mais consequente e programada. A região eleita para este pequeno ensaio não foge à regra; a grande quantidade de informação de carácter arqueológico acumulada ao longo dos anos favorecia a elaboração de estudo de síntese, agora concretizado, o qual deve ser entendido como ensaio, que pode ser aplicado a outras regiões do País. Geograficamente circunscreveu-se à faixa litoral entre a praia de Santa Cruz, a Sul e o Forte de Pai Mogo, imediatamente a Norte da praia da Areia Branca; porém, este domínio poderia ser estendido tanto para uma como para outra daquelas direcções: é sabida a

riqueza arqueológica tanto da região de Peniche, como da zona que se estende até à serra de Sintra. O domínio de análise assim definido apresentava-se suficiente aos nossos propósitos. Por outro lado, enquadra uma das principais estações arqueológicas situadas no referido trecho litoral, a Lapa da Rainha (Vimeiro), explorada por equipa com participação de um de nós nos anos de 1968 e 1969 (M.F.S.), cujos materiais faunísticos foram objecto de estudo por outro dos signatários (CARDOSO, 1993). Trata-se pois, de região à qual ambos estão ligados por trabalhos anteriores.

## 2. Paleolítico Inferior e Médio

Na região de praia de Santa Cruz, reconheceram-se diversos retalhos de praias marinhas quaternárias, à superfície das quais se têm recolhido numerosas indústrias líticas, sobre seixos de quartzo ou de quartzito. Podem inscrever-se num amplo intervalo, do Paleolítico Inferior aos tempos pós-paleolíticos, correspondendo-lhes materiais de mau recorte tipológico (seixos de talhe fruste), integrando as chamadas indústrias lusitanianas e micro-lusitanianas de Breuil e Zbyszewski. Estes dois autores, que percorreram o litoral estremenho nos inícios da década de 1940, reconheceram diversas concentrações de materiais paleolíticos na região, avultando como mais importante a chamada “estação” de Santa Cruz. Na verdade, trata-se de um conjunto de sítios situados tanto a Norte como a Sul da referida praia, que forneceram artefactos de várias épocas (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1945). Porém, no que a este capítulo diz respeito, as únicas peças tipologicamente definidas correspondem a diversos bifaces acheulenses talhados sobre seixos de quartzito, recolhidos por membros do GEAL (Lourinhã) e conservados no Museu daquela Associação.

## 3. Paleolítico Superior

A história da presença humana neste trecho litoral, no decurso da última etapa do Paleolítico, não pode ser dissociada do conhecimento das variações da linha de costa, ocorridas desde há cerca de 30 000 anos. Nessa altura,

estima-se que o nível do mar estivesse cerca de 60 m abaixo do actual, variação que tendeu a agravar-se à medida que se aproximava a época de maior rigor climático da glaciação wurmiana – o chamado pleniglaciário – ocorrido há cerca de 18 000 anos. O nível do mar situava-se, então, 120 a 140 m mais baixo (DIAS, 1985, 1987): passariam defronte do litoral minhoto *icebergs* em estado de fusão acelerada, descendo a água, no Inverno, à temperatura de +4° C. Assim se compreende a existência de uma vasta plataforma litoral emersa, ao longo de boa parte da Estremadura e da Beira Litoral, que nalguns sectores atingia mais de 50 km de largura.

7 Findo o período mais frio, a ascensão do mar foi, de início, lenta; há cerca de 16 000 anos, o nível marinho estabilizou em torno da batimétrica -100 m, onde permaneceu cerca de 3000 anos. Porém, entre 13 000 e 11 000 anos antes do presente, observaram-se importantes modificações no clima e no regime oceânico (DIAS *et al.*, 1998). Segundo estes autores, a corrente do Golfo, penetrando até ao mar de Barrents, teria promovido a rápida fusão dos gelos defronte da fachada atlântica europeia e o recuo da frente polar, que anteriormente se instalara ao nível da Península Ibérica, para o Atlântico Norte-Occidental. As temperaturas das águas que banhavam o actual litoral português seriam semelhantes às actuais, com correspondência no rápido movimento transgressivo então verificado, que levou o mar para a batimétrica -40 m: ou seja, em apenas 2000 anos, o mar subiu cerca de 60 m, alagando bruscamente vastos territórios anteriormente ocupados por grupos humanos. É óbvio o impacte de tal fenómeno sobre o quotidiano de estas comunidades, obrigadas a alterar, em tão curto período de tempo, as suas bases de subsistência. Na área que importa a este estudo, reconheceram-se diversos testemunhos da presença humana, correlativos com as variações oceânicas aludidas. Os diversos acampamentos de ar livre até ao presente identificados, situavam-se, porém, a muito maior distância do litoral do que actualmente. A sua presença foi pela primeira vez reconhecida pelo Eng. Alves Costa, conforme é reconhecido por BREUIL & ZBYSZEWSKI (1945), que dedicam a estas ocorrências parcas referências, logo seguidas das publicadas por OLLIVIER (1943/44; 1947). A mais interessante de todas é a estação do Rossio do Cabo, cerca de 3 km para Nordeste da praia de Santa Cruz, em zona dunar há muito destruída aquando da instalação de uma carreira de tiro. As escavações, ali realizadas por Leonel Trindade em 1950, puseram a descoberto um nível arqueológico, numa extensão de 20 metros quadrados, no qual se

identificaram diversas estruturas de combustão (ROCHE & TRINDADE, 1951). As indústrias líticas foram então atribuídas ao Aurinhacense Médio. Porém, ZILHÃO (1997, p. 846), que observou também os materiais da segunda campanha de escavações, jamais publicados, conservados no Museu Municipal de Torres Vedras, admitiu cronologia mais recente para o conjunto, que reputa homogéneo, atribuindo-o ao Magdalenense Final, senão já ao Mesolítico.

Procedeu-se também à ocupação de diversas grutas de origem cársica, existentes nos calcários jurássicos da região. Entre todas, avulta a Lapa da Rainha, situada em cornija calcária do topo da encosta direita do vale do Alcabrichel, na zona correspondente a uma garganta profundamente escavada, defronte da oficina de engarrafamento das águas do Vimeiro, implantada no sopé da encosta direita do vale.

O relato preliminar das escavações realizadas em 1968 e em 1969 refere a existência de uma ocupação humana, então atribuída ao final do Mustierense ou início do Aurinhacense, tendo presentes as características pouco definidas da escassa amostragem recolhida. Com efeito, a ocupação humana no local deverá ter sido fugaz e pouco importante: a presença de nível contínuo e regular de coprólitos de hiena mostra que a cavidade foi, sobretudo, frequentada por estes predadores, que ali encontravam refúgio; os seus restos, conjuntamente com os de outros mamíferos recolhidos, foram estudados por um de nós (CARDOSO, 1993). Outra intervenção, realizada em 1987 por equipa diferente, conduziu à recolha de artefacto considerado como absolutamente típico do Solutrense: trata-se de uma ponta de face plana (ZILHÃO, 1997, p. 839). Será, pois, a esta fase cultural que se poderá reportar a ocupação humana correlativa. Duas datações de radiocarbono indicam a época de formação dos respectivos depósitos (CARDOSO, 1993):

ICEN – 789 – 25 580 +1820; –1490 BP;

ICEN – 790 – 20 300 ±300 BP.

A primeira data é demasiado antiga para poder ser considerada como solutrense, pese embora a elevada margem de incerteza que a afecta; a segunda data, pelo contrário, é compatível com aquela presença; porém, a dificuldade de as relacionar estratigraficamente entre si, bem como com a presença humana aludida, limita muito o seu interesse arqueológico.

#### 4. Epipaleolítico

A ocupação humana do trecho litoral em apreço, no decurso da subida do nível do mar no início do Holocénico encontra-se também documentada. A velocidade de tal subida foi notável. Há cerca de 10 000 anos atrás, o aquecimento climático generalizado provocou subida do nível do mar de cerca de 40 m em apenas 2000 ~~yr~~ (DIAS, 1987; DIAS *et al.*, 1998), atingindo, cerca de 8000 anos antes do presente, a cota de -20 m. Alteradas as características do biótopo onde viviam, facilmente se admitem as transformações que os grupos de caçadores-recolectores que ocupavam o trecho litoral em apreço foram obrigados a adoptar no seu quotidiano para sobreviverem. A estação da Ponta da Vigia, perto da praia de Santa Rita é coeva do início do movimento transgressivo mencionado. Tal como fora observado na estação do Rossio do Cabo, o nível arqueológico encontra-se representado por paleossolo, que se desenvolve imediatamente abaixo das dunas modernas, cuja notória mobilidade pôs a descoberto estrutura de combustão, detectada e escavada em 1986. Os materiais líticos então recolhidos possuem características epipaleolíticas, confirmadas por data de radiocarbono obtida sobre carvões recolhidos em lareira contígua à referida. O resultado obtido foi o seguinte (ZILHÃO, CARVALHO & ARAÚJO, 1987):

ICEN - 51 - 8730 ± 110 BP.

Esta cronologia é compatível com o período Boreal, correspondendo à primeira estação arqueológica de tal época datada em Portugal.

A presença de horizonte pedológico/arqueológico negro ou acinzentado, estreitamente relacionado com a ocupação humana referida, aflora em outros locais deste trecho litoral, como já BREUIL & ZBYSZEWSKI (1945) tinham referido. Possui, pois, a expressão de unidade estratigráfica de significado regional, confirmada por JORGE (1972, p. 227). Com efeito, em sucessivas ocasiões e por diversas equipas, ali se recolheram indústrias epipaleolíticas, conservadas em diversas instituições: Museu Nacional de Arqueologia; Museu Municipal de Torres Vedras; e GEAL (Lourinhã). De salientar que FRANÇA, ZBYSZEWSKI & ALMEIDA (1961, p. 25) assinalaram, a Norte de Santa Cruz e na mesma posição estratigráfica, “a presença de vários cinzeiros e fundos de cabana do Paleolítico Superior”, provavelmente os mesmos, entre outros, que foram objecto da intervenção de 1986.

Outra estação epipaleolítica, situada actualmente a cerca de 4 km do litoral, é o concheiro situado à beira da estrada de Vimeiro a Toledo, reconhecido por FRANÇA, ZBYSZEWSKI & ALMEIDA (1961), recentemente escavado e publicado (ARAÚJO, 1998). Uma datação de radiocarbono sobre ossos recolhidos na escavação deu o resultado de:

TO – 707 – 7800 ± 110 BP

Corresponde, deste modo, à segunda estação arqueológica datada no território português atribuível ao Boreal/início do Atlântico.

Outras datações, obtidas ulteriormente sobre restos de conchas recolhidos em outro sector da estação, fizeram recuar, depois de corrigidos do efeito de reservatório oceânico, a cronologia da estação – ou, ao menos, do sector em causa – em cerca de mil anos:

ICEN – 1529 – 8820 ± 80 BP;

ICEN – 1533 – 8740 ± 90 BP.

Tais datas são concordantes com a cronologia atribuída à vizinha estação da Ponta da Vigia. Na época, o clima seria tendencialmente temperado, passando progressivamente a quente e seco (Boreal). As comunidades humanas encontrariam então, ao longo da faixa costeira, condições de subsistência que faziam recurso, cada vez mais, à componente aquática (essencialmente moluscos, de fácil recolção intertidal), em detrimento da caça, que, não obstante, se encontra ainda representada.

## 5. Neolítico, Calcolítico, Idade do Bronze

No sector litoral em causa, foi reconhecido até ao presente um povoado pré-histórico de altura, neolítico ou calcolítico, em Maceira (Vimeiro), apenas referido na bibliografia (SPINDLER, 1970, Est. IV). Outros povoados da mesma época podem ocorrer em numerosas elevações da região, mais para o interior, ainda não prospectadas em pormenor. Nas imediações daquele lugar, abrem-se duas grutas naturais, no topo da encosta direita do rio Alcabrichel. Trata-se da “Pedra do Sino”, acima do edifício das termas do Vimeiro e da “Gruta do Sapateiro”, situada sobre a piscina daquele complexo. A primeira parece desprovida de interesse arqueológico. A segunda, explorada por Nery

Delgado em 1879, forneceu diverso espólio arqueológico, estudado posteriormente (ZBYSZEWSKI & VIANA, 1949).

A tipologia dos materiais publicados mostra ocupação da cavidade no decurso do Calcolítico Pleno da Estremadura e, mais tarde na Idade do Bronze, salientando-se a presença das características cerâmicas de “ornatos brunidos”, do Bronze Final. Escassos ossos humanos atestam o aproveitamento da gruta como necrópole pré-histórica. Porém, não é possível associar a sua presença a quaisquer das fases da presença humana ali verificadas. De referir que as cerâmicas de “ornatos brunidos”, que correspondem à última fase do Bronze Final na Estremadura (séculos X a VIII a.C.) são frequentes em diversas grutas naturais da região estremenha, a começar por aquela onde foram pela primeira vez definidas, a Lapa do Fumo, no concelho de Sesimbra (SERRÃO, 1958). É crível que possam relacionar-se com santuários rupestres, contendo tais recipientes diversas oferendas às divindades, talvez de cariz aquático (atendendo à circulação subterrânea de águas e à secura climática e escassez deste elemento que então se teria verificado). Outras grutas naturais da região revelaram cerâmicas deste tipo, como a gruta do Cerro, freguesia de Bolhos, conservadas no Museu Municipal de Torres Vedras (SPINDLER *et al.*, 1973/74, p. 136).

Ao Neolítico Final é reportável uma gruta artificial (do tipo hipogeu) da qual quase nada se sabe, explorada por Manuel Heleno. Situava-se na margem esquerda do rio Alcabrichel, freguesia de A dos Cunhados (cf. BELO, TRINDADE & FERREIRA, 1961, p. 391). A cronologia destas grutas artificiais remonta ao Neolítico Final da Estremadura, situável no decurso da segunda metade do IV Milénio a. C., podendo atingir os primórdios do milénio seguinte. Tal conclusão é indicada pela tipologia das peças recolhidas em algumas delas, como na gruta II de Alapraia (JALHAY & PAÇO, 1940, fig. 38), de que fazem parte os característicos vasos de bordo denteado; na necrópole de Palmela (SILVA & SOARES, 1986, e na câmara ocidental do monumento da Praia das Maças (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969) recolheram-se, do mesmo modo, materiais caracteristicamente pertencentes a esta fase cultural. Tal conclusão foi recentemente reafirmada pela discussão das correspondentes datações absolutas até ao presente disponíveis (CARDOSO & SOARES, 1995).

Enfim, a sepultura colectiva do tipo *tholos* escavada em Pai Mogo, junto ao casal do mesmo nome, revelou-se, ao contrário, do maior interesse para o conhecimento da arquitectura e espólios funerários do Calcolítico estremenho

(GALLAY *et al.*, 1973). Situa-se em encosta suave, no limite setentrional da área em estudo, perto do litoral, do qual dista cerca de 2 km, o qual é bem visível do local. Trata-se de monumento bem conservado, possuindo átrio exterior, corredor e câmara quase circular, com cobertura de falsa cúpula e ainda um *tumulus* exterior, cujos vestígios são ainda hoje evidentes, apesar de não ter sido escavado. A exploração do interior do monumento, efectuada em 1971, proporcionou a recolha de copioso conjunto de objectos de calcário, de carácter ideotécnico, alguns deles únicos, a par de numeroso espólio lítico, cerâmico, ósseo e metálico, conservado no Museu Municipal de Torres Vedras. A utilização funerária do monumento prolongou-se até finais do Calcolítico (campaniforme), como é frequente em outras necrópoles calcolíticas colectivas estremenhas de diversos tipos. Cerca de 40 m de distância, identificaram-se os restos de monumento congénere, ainda não explorado.

## 6. Conclusões

A selecção do trecho litoral em apreço, teve em consideração a sabida existência de rico manancial de informação arqueológica que, à partida, potenciava estudo em termos diacrónicos, como era pretendido. Porém, o domínio geográfico eleito, deliberadamente restrito, porque tal era suficiente aos fins em vista, poderia ser outro qualquer do nosso País. Pretendeu-se tão-somente evidenciar o interesse na realização de trabalhos análogos, verdadeiras sínteses arqueológicas à escala regional, susceptíveis de contribuir para o prosseguimento mais racional dos trabalhos, salientando a existência de lacunas de conhecimento que, na maioria dos casos, resultam mais de falta de investigação de campo que de efectivas discontinuidades na ocupação humana. Neste trabalho, apesar da exígua extensão geográfica, evidenciou-se sucessão da presença humana, desde os recuados tempos do Paleolítico Inferior até aos derradeiros momentos da Pré-história. Nela estão particularmente bem representadas estações do Paleolítico Superior (Lapa da Rainha), seguidas das epipaleolíticas, que corporizam uma adaptação paulatina e, por certo, nem sempre fácil, das comunidades de caçadores-recolectores do pós-glaciário a novas condições paleoambientais, onde aquelas foram obrigadas a sobreviver. Enfim, merece destaque a sepultura colectiva do tipo *tholos* de Pai Mogo, a qual corporiza a ocorrência mais setentrional deste tipo

de monumentos no território português. Trata-se de necrópole cujas raízes arquitectónicas mediterrâneas são bem conhecidas. A sua presença não poderá ser desligada dos circuitos comerciais então estabelecidos a longa distância, que viabilizaram e suportaram a difusão de novas técnicas, não apenas construtivas, como a metalurgia do cobre e a expansão de concepções mágico-religiosas tão bem ilustradas por alguns dos belos artefactos ideotécnicos nele encontrados que, afinal, testemunham lento processo de complexificação económico-social e de interacção cultural protagonizado pelas sucessivas comunidades humanas, estabelecidas na região, no decurso dos últimos tempos pré-históricos.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. de; SANTOS, M. Farinha dos; ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Notícia preliminar sobre as escavações na Lapa da Rainha (Vimeiro). *Actas das I Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1969), Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1, pp. 271-288.
- ARAÚJO, A. C. (1998) – O concheiro de Toledo (Lourinhã) no quadro das adaptações humanas do Pós-Glaciár no litoral da Estremadura. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1 (2), pp. 19-38.
- BELO, R.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, 45, pp. 391-418.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1945) – Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la Géologie du Quaternaire. 2 – Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage. *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, 26, 662 p.
- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 567 p.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura Portuguesa. *Al-Madan*, Série 2, 4, pp. 10-13.
- DIAS, J. M. A. (1985) – Registos da migração da linha de costa nos últimos 18 000 anos na plataforma continental portuguesa setentrional. *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico* (Lisboa, 1985), 1, p. 281-295.

- DIAS, J. M. A. (1987) – *Dinâmica sedimentar e evolução recente da plataforma continental portuguesa*. Dissertação de doutoramento. Lisboa, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- DIAS, J. M. A.; RODRIGUES, A. & MAGALHÃES, P. (1998) – Evolução da linha de costa em Portugal, desde o último máximo glaciário até à actualidade. *Estudos do Quaternário*, Lisboa, Colibri, 1, pp. 53-66.
- FRANÇA, J. Camarate; ZBYSZEWSKI, G. & ALMEIDA, F. Moitinho de (1961) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 30 – A (Lourinhã)*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 27 p.
- GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1973) – *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 170 p.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1940) – A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*, 4, pp. 107-140.
- JORGE, V. Oliveira (1972) – *Conjuntos industriais de seixos afeiçãoados do Sul de Portugal*. Dissertação de Licenciatura em História. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiada).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casinhos*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 16 (N. S.), Lisboa, 100 p.
- OLLIVIER, J. (1943/44) – Les gisements paléolithiques de Santa Cruz (Torres Vedras). *Trab. Soc. Port. Antropol. Etnol.*, 10 (2), p. 97-112.
- OLLIVIER, J. (1947) – Le Paléolithique Supérieur au Portugal. *Bull. Ét. Port. et de l'Inst. Fr. au Portugal*, 11 (N. S.), p. 103-112.
- ROCHE, J. & TRINDADE, L. (1951) – La station préhistorique de Rossio do Cabo (Santa Cruz – Estremadura). *Bol. Soc. Geol. Portugal*, 9 (3), pp. 219-227.
- SERRÃO, E. da Cunha (1958) – Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*, 9, pp. 177-186.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa, Serv. Nac. Parques, Reservas e Cons. da Natureza, col. Parques Naturais, 15, 211 p.
- SPINDLER, K. (1970) – A póvoa eneolítica do Penedo – Torres Vedras. *Actas das I Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1969). Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, pp. 57-191.

- SPINDLER, K.; CASTELLO-BRANCO, A. de; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1973/74) – Le monument à coupole de l'Âge du Bronze Final de la Roça de Casal do Meio (Calhariz). *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, 57, pp. 91-153.
- ZBYSZEWSKI, G. & VIANA, A. (1949) – Grutas da Maceira (Vimeiro). *Trab. Antropol. Etnol.*, 12 (1/2), pp. 114-125.
- ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Lisboa, Colibri, 2, 850 p.
- ZILHÃO, J. ; CARVALHO, E. & ARAÚJO, A. C. (1986) – A estação epipaleolítica da Ponta da Vigia (Torres Vedras). *Arqueologia*, 16, pp. 8-18.